

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NECESSIDADE DO HOMEM AGREGAR-SE E SUAS RELAÇÕES NO GRUPO

Ana Cristina Mancussi e Faro *

FARO, A.C.M. e Considerações sobre a necessidade do homem agregar-se e suas relações no grupo. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 24(1):131-137, abr. 1990.

Apresentamos algumas considerações sobre gregária, enquanto necessidade humana básica. Na vida em grupo, no relacionamento pessoa a pessoa, há aspectos básicos, dos quais mencionamos as necessidades interpessoais, a aceitação, a empatia, valores, crenças e fatores culturais segundo a perspectiva de alguns autores.

UNITERMOS: *Relações interpessoais. Relações humanas.*

INTRODUÇÃO

CHILDE (1973) cita que “o homem é a última grande espécie a surgir, e nos registros geológicos seus restos fósseis são encontrados nas camadas superiores e neste sentido literal ele é o produto mais alto daquele processo. Podemos dizer que conseguiu sobreviver e multiplicar-se principalmente pelo aperfeiçoamento de seu equipamento”. Segundo este mesmo autor, o equipamento hereditário do animal é adequado à execução de um número limitado de operações, num determinado meio. Cita, como exemplo, os felinos que possuem dentes para esfalear suas presas, e esclarece que o homem possui a capacidade de produzir seus instrumentos.

CHILDE (1973) considera que estes instrumentos representam “a aplicação prática de experiências lembradas, comparadas e reunidas”. A criança herda uma tradição social e não mecanismos que a predisponha, automática e instintivamente, aos movimentos corporais. “Seus pais e pessoas mais velhas lhe ensinarão como fabricar e utilizar o equipamento, segundo a experiência acumulada por numerosas gerações anteriores, e que constitui em si mesmo uma expressão concreta dessa tradição social. Qualquer instrumento é um produto social, e o homem é um animal social” (CHILDE, 1973).

Entretanto, para transmitir isto e para viver em grupo são necessários “sinais” para a comunicação entre os elementos do grupo. Tanto seres humanos como alguns outros animais são dotados de estrutura anatômica e, portanto, capazes de emitir uma escala bastante variada de sons. Associado a este fato, CHILDE (1973) considera que “vivendo em sociedade e dispondo de um cérebro comunicativo, o homem pode dotar

* Enfermeira. Auxiliar de ensino do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, disciplinas Introdução à Enfermagem e Fundamentos de Enfermagem I.

esses sons de significados convencionais". Fica, então, estabelecido um processo de comunicação.

A necessidade de estabelecer contato com outras pessoas é um dos mais fortes e constantes impulsos humanos.

No processo vital, o homem sente certas necessidades, devendo ser entendidas para que a vida continue. Essas necessidades fornecem ao homem motivação para a sua conduta e são responsáveis pelo funcionamento da sociedade e desenvolvimento da cultura. Nasce desprovido do necessário para sua sobrevivência. Quando criança depende quase que inteiramente de outros para atender suas necessidades fundamentais; quando adulto, embora se liberte de certas dependências próprias da infância, continua precisando dos outros para a satisfação de muitas outras necessidades.

SCHUTZ (1979) expôs a idéia de existirem três necessidades básicas interpessoais, as quais constituem o "fundamento da investigação no campo das relações interpessoais e a base dos métodos por meio dos quais se alcança o pleno potencial humano na relação de um ser para outro". As áreas de necessidades interpessoais foram intituladas de inclusão, controle e afeição, as quais serão descritas a seguir.

Inclusão — refere-se à associação entre pessoas, ao estar junto com os outros. Esta necessidade manifesta-se como "o desejo de merecer consideração e de atrair atenção e interesse". É a busca de interação com as pessoas. Caracteriza-se, também, pelos aspectos de preeminência e por não desenvolver fortes ligações emocionais com algumas pessoas.

Controle — varia desde o desejo de poder, autoridade e controle sobre os outros, até ser controlado, isento de responsabilidades. Os menos socializados adotarão atitudes infantis, demitindo-se a toda responsabilidade e delegando-a àqueles que consideram carismáticos — são os abdicadores. Outros, como adolescentes, sentem-se rejeitados e mantidos à margem de toda a responsabilidade, cobiçam o poder e querem assumir sozinhos todo o poder — são os autocratas. Os mais socializados, pensam e querem o controle do grupo em termos de responsabilidades partilhadas — são os democratas.

Afeição — está relacionada aos íntimos sentimentos emocionais entre duas pessoas, especialmente amor e ódio em seus vários graus. É uma relação dual. Em grupos, o comportamento afetivo caracteriza-se por demonstrações de amizade e diferenciação entre os membros.

Esquemáticamente, SCHUTZ (1979) refere-se à:

inclusão: estar *dentro* (in) ou *fora* (out),
controle: estar *por cima* ou *por baixo*, e
afeição: estar *próximo* ou *afastado*.

LIMA (1970) afirma que o grupo "é a própria condição psicológica de maturação, tanto na área afetiva, como na área intelectual: sem o grupo não cresce a inteligência, nem se forma o amor. (Egocentrismo e

Objetivação)". Enfatiza, também, o caráter sucessivo dos grupos quando afirma que "a partir da célula inicial (óvulo fecundado), o indivíduo estagia no útero, na família e/ou no grupo de adolescentes, para integrar-se como adulto num ou vários grupos que constituem a sociedade".

LIMA (1970) analisa, brevemente, a história da socialização do homem, onde aborda guerras, lutas, exploração do homem pelo homem, escravidão, crimes como prova de que a "socialização do homem é a mais grave tarefa racional da humanidade". Observar a vida coletiva numa cidade é a melhor forma de constatar a repugnância do homem à socialização (LIMA, 1970). Conclui que "é provável que a sociabilidade deste animal individualista tenha provindo antes da raridade dos recursos de sobrevivência e da fragilidade anatômica de seus instrumentos de ataque e de defesa que de um "instinto gregário" misterioso e indefinível".

Baseando-nos nas afirmações destes autores podemos considerar que o homem necessita viver em grupos sociais, nos quais as relações interpessoais são altamente complexas. Atrelado a isto, é importante ressaltar os aspectos de aceitação e empatia.

Segundo DU GAS (1984), ao mencionar a Teoria da Motivação Humana de Maslow, a aceitação representa uma das necessidades básicas do ser humano.

WALLACE (1967) apud STEFANELLI et alii (1982) expõe um conceito operacional de aceitação como: "uma pessoa torna-se consciente do comportamento de outra pessoa e sente-se impelida a reagir a este comportamento". Podem derivar desta situação outras duas situações: *aceitação automática*, ou seja, há congruência entre os sistemas de valores das pessoas envolvidas; *situação de conflito*, quando os sistemas de valores das pessoas em questão são incompatíveis. (STEFANELLI et alii, 1982).

Autores como Kalisch, 1973; Northouse, 1979, Wilson & Kneisl, 1979; Spy, 1981 apud STEFANELLI et alii (1982) conceituam empatia como "a capacidade de tentar ver o mundo como, outra pessoa o vê, sem perder a própria identidade". As citadas autoras alertam para o fato comum de confusão entre empatia e simpatia esclarecendo que a primeira ocorre num nível consciente, enquanto que, a segunda, dá-se de modo inconsciente, sendo associados à simpatia sentimentos de pena, aprovação e reprovação.

Gregária, citada por HORTA (1979) na Teoria das Necessidades Humanas Básicas, no nível psicossocial, relaciona-se às necessidades de Aceitação, Participação, Comunicação, Segurança, Liberdade e demais necessidades compreendidas neste nível. Preferimos, entretanto, colocar que gregária ou gregarismo compreende o todo da relação entre estas necessidades, difícil de conceituar de forma estanque como "a necessidade do homem viver em grupo", visto que envolve relações humanas ou interpessoais imbuídas de normas e padrões, valores e cultura. Cabe esclarecer que o adjetivo gregário refere-se ao que vive em bandos e,

grei, substantivo feminino, à sociedade, partido, o que reforça nossa colocação anterior (FERREIRA, 1985).

O PARALELO COM O HOSPITAL

O hospital pode ser considerado como uma pequena sociedade cujo funcionamento é ligado a uma pluralidade de elementos inter-dependentes. Situamos estes elementos em duas grandes categorias:

1 — Estrutural: o primeiro dentre estes é, sem dúvida, a posição do hospital na sociedade global. Um hospital não é um organismo fechado. Está vinculado à sociedade por elementos que lhe dão certos traços específicos, por exemplo: quais são as características na qual ele se situa (grande cidade, cidade pequena, meio rural)? Qual é a sua história? É público ou privado? Como é o seu relacionamento com outros grupos sociais? É leigo ou religioso? Qual é a origem da autoridade daqueles que o dirigem? Por quem são nomeados? Diante de quem são responsáveis?

Um segundo elemento a se considerar, é a dimensão dos grupos. Há centros hospitalares que aglutinam várias especialidades e conseqüentemente um grande número de pessoas, em contraposição a outros que reúnem apenas algumas especialidades e são particulares.

Os contatos humanos são, evidentemente, condicionados por este fator.

Outro elemento estrutural é a composição dos grupos. O quadro de pessoal compreende categorias profissionais diversas que têm formações distintas .

Por outro lado, temos que considerar fatores como: tipo de internação (emergência, ambulatorial); natureza das doenças (crônica ou aguda); tipo de tratamento, duração da hospitalização.

Vejamos a organização formal, aquela que define oficialmente o papel e as condições de funcionamento da coletividade.

Cada participante se vê vinculado a uma posição que o situa no relacionamento com os outros. Esta posição lhe impõe certo papel formal, ou seja, um modelo de comportamento que é esperado dele. O hospital funcionará, segundo estas disposições oficiais, na medida em que esses papéis são bem definidos e os comportamentos e condutas de cada um correspondem às previsões que lhe concernem.

A organização formal implica, também, num sistema de "status", uma hierarquia de posições, uma relacionada às outras, assim como as redes de comunicação.

É preciso insistir sobre a particularidade da estrutura hospitalar. Comporta dupla hierarquia, uma administrativa (ou burocrática); outra clínica que não é sempre fixada nos seus detalhes mas nem por isso deixa de ser institucionalizada.

Há, no hospital, um conjunto de interações humanas, interdependentes. Inserida neste conjunto de interações humanas, está a *cultura* que, acreditamos ser esclarecedor apresentarmos conceitos a respeito, os quais nortearão alguns pontos da discussão e não por acreditarmos que, somente a cultura interfere neste conjunto de interações humanas.

O sentido antropológico da cultura, segundo MONTAGU (1969), é “o complexo de configurações mentais que, em forma de produtos do comportamento e produtos materiais, constitui o modo principal que tem o homem de adaptar-se ao meio total, controlando-o, mudando-o, e transmitindo e perpetuando os modos acumulados de fazê-lo”.

MARCONI & PRESOTTO (1987) afirmam que, “para os antropólogos, a cultura tem significado amplo: engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade”. Esclarecem, também, que “a cultura se constitui dos seguintes elementos: conhecimentos, crenças, valores, normas e símbolos”.

Um grupo comporta um conjunto coerente de normas de conduta, de idéias, de crenças, de valores que se desencadeiam com seu funcionamento. Por outro lado, isto determina a existência de uma estrutura social não formal, com modelos de relacionamentos entre os seus membros.

Os componentes da “cultura” de um hospital são aparentes. Os visitantes constatarem logo alguns fenômenos tais como uma linguagem, certos símbolos de autoridades, certos rituais, que diferem de estabelecimento para estabelecimento.

A pessoa que é hospitalizada seguirá um processo de “aculturação”, cujo principal agente é, muitas vezes, um pequeno grupo de vizinhança, que exerce forte pressão em razão da intimidade das condições de vida.

MONTAGU (1969) cita que “todo ser humano nasce com certas necessidades básicas, ingêntas, que precisam ser satisfeitas para que o organismo sobreviva”. As necessidades básicas, segundo o referido autor, são as de oxigênio, alimento, líquido, repouso, atividade, sono, eliminação urinária e fecal, evitação da dor e fuga de situações amedrontadoras. Acredita que atendemos estas necessidades de acordo com as formas costumeiras do grupo em que vivemos e que “a cultura representa a resposta do homem às suas necessidades básicas”. Acreditamos que a enfermeira, no contexto hospitalar, venha a desempenhar o papel de intérprete desta cultura.

2 — Aspectos da interação humana:

- a. as tensões no trabalho em comum geram conflitos;
- b. símbolos de prestígio, para alguns, onde afirmam seu “status”;
- c. obstáculos à comunicação entre diversas categorias gerado por um formalismo que a bloqueia e a torna ineficaz;

d. a diferença de percepções: o hospital talvez tenha significado diferente para o médico, enfermeira, auxiliar de enfermagem;

e. quanto aos papéis desempenhados, eles são percebidos de maneiras muito variadas, por exemplo: o papel da enfermeira pode ser percebido por ela mesma e por outros profissionais de maneira diferente.

Entendemos o termo papel no sentido de comportamento definido pela organização formal, mas, também, como a conduta compreendida pelo indivíduo que ocupa determinada posição em relação àqueles com os quais se relaciona.

Quanto à pessoa hospitalizada, pertencente a um grupo, sociedade, vem desempenhar seu novo papel: o papel de doente hospitalizado. Um conhecimento melhor da personalidade desta pessoa junto ao seu contexto social, pode vir atenuar as situações de "stress" provocadas por este meio hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da necessidade humana básica de gregária implica em conhecer as relações interpessoais, a estrutura do grupo ou sociedade a que pertencemos.

Durante a nossa experiência enquanto enfermeira de uma unidade de internação para lesados medulares, pudemos constatar as dificuldades encaradas por um indivíduo, que durante atividades laborativas e/ou de lazer tornou-se paraplégico ou tetraplégico. Tais dificuldades referiam-se a qual será o novo papel a desempenhar na família, comunidade? O que estes grupos esperam desta pessoa? No âmbito hospitalar, o que representa esta pessoa?

No ensino de enfermagem, cumpre-nos ressaltar, ao aluno de graduação, a importância da percepção do indivíduo como elemento dinâmico de um ou mais grupos sociais.

O indivíduo ao qual nos referimos não é somente o paciente, mas esta percepção começa a partir do próprio aluno.

Enquanto docente de Fundamentos de Enfermagem e Introdução à Enfermagem, acreditamos que seja importante ajudar o aluno a situar-se em sua família, comunidade, na universidade, na profissão e propiciar discussões acerca deste tema, na assistência prestada ao paciente.

FARO, A.C.M. e Considerations about the human's need of aggregation and his relationship inside the group. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 24(1):131-137, Apr. 1990.

We hereby introduce some considerations on the belongingness as a basic human need. In the group life, in the man-to-man relationship, there are basic aspects of which we mention the interpersonal needs, the acceptance, the empathy, values and beliefs, as well as cultural factors, based on some authors perspective.

UNITERMS: *Interpersonal relations. Public relations.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHILDE, V.G. Arqueologia e história. In:———. **O que aconteceu na história.** 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1973, p.9-28.
- DU GAS, B.W. **Enfermagem prática.** 4. ed. Rio de Janeiro, Interamericana, 1984. 580p.
- FERREIRA, A.B. de H. **Minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. 506p.
- HORTA, W. de A. **Processo de enfermagem.** São Paulo, EPU, 1979. 99p.
- LIMA, L. de O. **Treinamento em dinâmica de grupo: no lar, na empresa, na escola.** 2. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1970. 432p.
- MARCONI, M. de A. & PRESOTTO, Z.M.N. **Cultura.** In:———. **Antropologia: uma introdução.** 2. ed São Paulo, Atlas, 1987. p.41-5.
- MONTAGU, A. **Necessidades e cultura.** In:———. **Introdução à antropologia.** São Paulo, Cultrix, 1969. p.130-7.
- SCHUTZ, W.C. **Relações interpessoais.** In:———. **O prazer: expansão da consciência humana.** Ric de Janeiro, Imago, 1979. p.101-59.
- STEFANELLI, M.C.; ARANTES, E.C.; FUKUDA, I.M.K. **Aceitação, empatia e envolvimento emocional no relacionamento enfermeira-paciente.** *Rev. Esc. Enf. USP.* São Paulo, 16(3):245-53, dez. 1982.